



História Unisinos

E-ISSN: 2236-1782

efleck@unisinos.br

Universidade do Vale do Rio dos Sinos
Brasil

Domingues, Beatriz Helena; Machado dos Santos, Breno
Sob o signo das Luzes: o pensamento jesuítico e a Ilustração nas cartas do Padre David
Fáy
História Unisinos, vol. 13, núm. 3, septiembre-diciembre, 2009, pp. 233-240
Universidade do Vale do Rio dos Sinos
São Leopoldo, Brasil

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=579866834003>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Sob o signo das Luzes: o pensamento jesuítico e a Ilustração nas cartas do Padre David Fáy

Under the influence of Enlightenment: Jesuit thought and Enlightenment in the letters of Father David Fáy

Beatriz Helena Domingues¹

biahdomingues@gmail.com

Breno Machado dos Santos²

brenomsantos@ig.com.br

Resumo. Este artigo discute como as correspondências do padre David Fáy, escritas aos seus familiares húngaros da Vice-Província jesuítica do Maranhão e Grão-Pará durante o ano de 1753, dialogam com o pensamento ilustrado em voga na Europa em meados do século XVIII. Além disso, analisa a imagem do Brasil retratada pelo iniciano, em um momento em que a filosofia da Luzes inverte a visão paradisíaca da América, constituindo um novo discurso sobre o homem e a natureza, marcado pela negatividade. Diagnosticar em tais missivas a ocorrência de uma assimilação de algumas ideias caras à Ilustração – ainda que seletiva e católica – nos permite amenizar os ataques realizados por uma abordagem tradicional que atribui à Companhia de Jesus uma visão retrógrada e resistente a mudanças, associada à tradição medieval católica e barroca.

Palavras-chave: pensamento jesuítico, Ilustração europeia, Amazônia portuguesa.

Abstract. This article discusses how the correspondence of Father David Fáy, written to his Hungarian family of the Jesuit Vice-Province of Maranhão and Grão-Pará in 1753, dialogues with the enlightened thought in vogue in Europe in the mid-eighteenth century. Further, this article examines Brazil's image portrayed by the Ignatian in a time when the Enlightenment philosophy inverts the paradisiacal vision of America, forming a new discourse on Man and Nature marked by negativity. Diagnosing in such dispatches the occurrence of an assimilation – though selective and Catholic – of some ideas that typify the Enlightenment enables us to mitigate the attacks made by a traditional approach that attributes to the Company of Jesus a retrograde vision resistant to change, associated with the “medieval Catholic” and “Baroque” tradition.

Key words: XVIII century Jesuit thought, European Enlightenment, Portuguese Amazon.

¹ Professora associada I, Departamento de História, UFJF-MG.

² Doutorando vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, UFJF-MG. Bolsista FAPEMIG.

*Em virtudes e em sangue esclarecido
Aqui jaz sepultado o viandante
Hum tal Heroe de Fé tão relevante
Que pella sublimar foi abatido.*

*Por viver de si próprio esquecido
Novo mundo buscou, no qual constante
Qual sol, luzes diffundira, e brilhante
Em tumulto acabara mais luzido. [...]*

(Padre Paulo Ferreira S.J., *Epitaphio para a sepultura do M.R.P. Luiz Fáy*).

Introdução

Em 1944, o célebre literato e linguista húngaro Paulo Rónai publicava, nos *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*, a tradução de alguns escritos jesuíticos relacionados à vida do inaciano David Fáy³, seu compatriota. Segundo Rónai (1944), uma vez que o caráter internacional da Companhia de Jesus englobava homens de todas as nacionalidades europeias, “necessariamente devia haver, entre eles, húngaros, visto o papel importante que o reino de Santo Estêvão, país católico desde o primeiro ano do nosso milênio, nunca deixou de desempenhar na Igreja” (Rónai, 1944, p. 193)⁴. Assim, motivado a lançar luzes sobre a participação de religiosos húngaros nas missões jesuíticas na América portuguesa, Rónai (1944) encontrou, nos arquivos arquiépiscopais das cidades de Kalocsa e de Eger, respectivamente, uma biografia do padre inaciano, em latim, assim como três cartas, escritas pelo próprio missionário em sua língua vernácula e acompanhadas pela introdução do folheto onde foram publicadas pela primeira vez.

De modo breve, apontamos os seguintes aspectos biográficos. Primeiro, o fato de o padre David Fáy ter nascido na Hungria, em 1722, e, segundo, sua atuação como membro da Companhia de Jesus no período compreendido entre os anos de 1736 e 1757. Nessa época, foi forçado a abandonar as missões na região Norte da Colônia – palco de suas atividades desde o ano de 1753 – para seguir às prisões portuguesas⁵, das quais saiu morto no ano de 1767.

Considerando a influência exercida por certas tendências ilustradas sobre o pensamento de alguns membros da Companhia de Jesus que atuaram na América hispânica e portuguesa durante a primeira metade do Setecentos,

os dados biográficos do padre David Fáy nos permitem propor um estudo para investigar as sintonias e dessintonias entre o seu pensamento e o denominado clima de opinião do Século das Luzes⁶. Partindo do pressuposto de que os inacianos constituíam um grupo (religioso, político e ideológico) que buscou se manter atualizado com as novas ideias do século XVIII (Góngora, 1975), pretende-se analisar e discutir a maneira como a correspondência de Fáy dialoga – ainda que silenciosamente – com a Ilustração, e que tipo de imagem do Brasil surge por meio dos escritos do inaciano, remetidos da Vice-Província jesuítica do Maranhão e Grão-Pará para seus familiares na Europa.

Diagnosticar, em tais missivas, a ocorrência de uma assimilação – ainda que seletiva e católica – das ideias ilustradas em voga na Europa em meados do século XVIII, possibilita-nos questionar a postura defendida por uma tradicional abordagem, que atribui à Companhia de Jesus uma visão retrógrada e resistente a mudanças, associada, pelos seus inimigos da época – em particular, os reformadores ligados ao Despotismo Esclarecido Ibérico – à tradição medieval católica e barroca.

O pensamento jesuítico e suas formulações ecléticas

Fundada oficialmente em setembro de 1540, por intermédio da bula *Regimini militantis ecclesiae* concedida pelo papa Paulo III, a Ordem dos Jesuítas apresentava como principal propósito a propagação da fé e o progresso das almas na vida e doutrina cristã. Suas atividades tinham base no ministério de Jesus e de seus discípulos, ou melhor, no ideal apostólico e itinerante (*vita apostólica*), exemplificado no Novo Testamento. No entanto, tal modelo evangélico rapidamente sofreu alterações. A ideia surgida ainda nos primeiros anos de existência da Ordem, que permitia aos próprios inacianos ministrarem aulas aos noviços, rapidamente ganhou amplitude, resultando, mais tarde, na abertura do primeiro colégio da Companhia de Jesus para externos em Goa, na Índia. Na Europa, o primeiro estabelecimento de ensino destinado a estudantes jesuítas e não jesuítas foi fundado em Gandia, na Espanha, no ano de 1546. Assim, estava dado um passo importante para o surgimento de um novo ministério na história da Ordem, consolidado dois anos mais tarde na

³ O conjunto documental reunido por Rónai (1944) foi publicado sob o título de “As cartas do P. David Fáy e a sua Biografia: contribuição para a História das Missões Jesuíticas no Brasil no século XVIII”. Integrada a tais escritos está uma elucidativa introdução realizada pelo tradutor.

⁴ Cabe considerar que a grafia original, e da época dos textos citados, foi respeitada nas transcrições.

⁵ Na condição de exilado, o padre David Fáy permaneceu, aproximadamente, onze meses na residência de Roriz, pertencente ao Colégio de Braga. Posteriormente, feito prisioneiro, o inaciano ficou encerrado em distintos cárceres lusitanos: o do Colégio do Porto e os dos Fortes de Almeida e de São Julião, aqueles em que passou o maior tempo de sua detenção.

⁶ Ver, por exemplo, Góngora (1975), Morse (1982) e Domingues (2007).

experiência ocorrida em Messina. Esta reuniu um grupo contendo alguns dos melhores talentos da Companhia disponíveis em Roma para dar aulas gratuitas de teologia, casos de consciência, artes, retórica e gramática, sob o financiamento das autoridades políticas da cidade italiana (O'Malley, 2004).

Ao oferecer um ensino gratuito e de maior qualidade, se comparado às alternativas da época e, ao fundar colégios em diversos territórios onde anteriormente não havia nenhum, os jesuítas alcançavam um significativo sucesso por meio da prática educacional⁷. No entanto, segundo O'Malley (2004), a abertura de um elevado número de estabelecimentos de ensino provocou o surgimento de alguns reflexos negativos no interior do Instituto. Um desses problemas foi a íntima relação estabelecida pelos seus membros com a literatura pagã e com a cultura secular. Ao assumirem cargos de ensino de disciplinas como matemática, astronomia, filosofia natural (física) e humanidades, os jesuítas se aproximavam de uma esfera intelectual que se relacionava apenas indiretamente com a religião cristã (O'Malley, 2004, p. 375).

A compatibilização realizada pelos jesuítas entre a síntese tomasiana e o pensamento humanista renascentista, somado posteriormente aos aspectos da filosofia e da ciência modernas, tornou-se decisiva nas renovações/ inovações intelectuais surgidas nas sociedades ibéricas, na Europa em geral e no Ultramar. Ao adotarem o mesmo procedimento responsável por ter impulsionado a eclosão da neoescolástica na segunda metade do século XVI e século XVII – flexibilizar o tradicional e acomodar partes seletivas do novo –, os jesuítas, sem se absterem por completo do debate e da influência de determinadas proposições ilustradas, tal qual seus inimigos reformadores, se depararam, no século XVIII, com a contradição central de conciliar as novas ideias da Ilustração com o catolicismo (Domingues, 2002, p. 139-140).

Desde as décadas de 1680-1690, as novas ideias da modernidade e do Iluminismo haviam começado a penetrar no universo intelectual ibérico, veiculadas, principalmente, pelos estabelecimentos de ensino jesuíticos (Góngora, 1975, p. 178-190). A substituição do aristotelismo pelo ecletismo (Filosofia eletiva), que, em suas propostas e abordagem, se confundiam com a história da filosofia, e o abandono quase que completo da ideia de formação humanista dos estudantes em todas as disciplinas, motivado pela busca do conhecimento enciclopédico do mundo natural, são algumas das importantes reformas surgidas nos currículos acadêmicos nesse período (Góngora, 1975, p. 191).

De acordo com Góngora (1975, p. 181), uma postura ilustrada e neoclássica já era encontrada nos escritos de alguns inicianos ligados ao Seminário dos Nobres em Madrid e à Universidade de Cervera, no início do século XVIII. No mesmo sentido, Maxwell (1996, p. 12-13) assinala que os jesuítas, em Portugal, eram “na verdade, bem menos fechados às ideias modernas do que seus inimigos afirmavam”. Em meados do século XVIII,

O inventário dos livros da Universidade de Évora continha trabalhos de Bento Feijó, Descartes, Locke e Wolff. O Colégio dos Jesuítas em Coimbra possuía o Verdadeiro método de Vernei. Em Portugal, os jesuítas tinham o direito exclusivo de ensinar latim e filosofia no Colégio de Artes, a escola preparatória obrigatória para ingresso nas faculdades de teologia, leis canônicas, leis civis e medicina da Universidade de Coimbra (Maxwell, 1996, p. 13).

Ironicamente, no momento em que estavam fazendo os maiores esforços para receber as correntes do pensamento ilustrado, os inicianos se tornavam vítimas de seus adversários ligados ao Despotismo Esclarecido Ibérico, que forjaram, dentre inúmeros mitos, aquele que associava à Ordem uma visão anti-inovadora, ideologicamente barroca (Góngora, 1975, p. 186).

“Iluminando” a trajetória e as cartas do padre David Fáy

Filho de pais calvinistas, convertidos, por um milagre, pelo descendente, Fáy foi primeiro “imbuído de boas artes no Seminário Mariano de Tírnávia” (Kayling e Eckart, 1944 [1767], p. 203). Após ter aprendido os primeiros passos da língua latina nas escolas “heterodoxas”, o futuro iniciano foi transferido para um colégio jesuítico, a fim de iniciar os estudos da classe média de gramática, “com o intuito, ao qual, aliás, o resultado respondeu perfeitamente, de merecer um lugar entre os primeiros. Enquanto seguia com empenho o curso de retórica, comunicou aos pais que se sentia chamado à Companhia de Jesus” (Kayling e Eckart, 1944 [1767], p. 203).

David Fáy ingressou na Ordem de Santo Inácio no ano de 1736, cumprindo o seu noviciado em Viena, Áustria. Saído do tirocínio, estudou filosofia durante três anos em Tírnávia, “disciplina em que sempre mereceu os maiores gabos de seus superiores e de todos os árbitros imparciais” (Kayling e Eckart, 1944 [1767], p. 204).

⁷ Para maiores detalhes sobre os aspectos filosófico-pedagógicos seguidos pelos colégios jesuíticos ver, por exemplo, O'Malley (2004) e Schmitz (1994).

Posteriormente, “encarregado de ensinar as classes inferiores, lecionou gramática, no curso inferior, em Sopron, e no curso médio em Taurinum, e poesia em Tírnávia”, cidade na qual publicou um opúsculo dedicado aos novos bacharéis em filosofia (Kayling e Eckart, 1944 [1767], p. 204). Após lecionar durante três anos, David matriculou-se em teologia e realizou a defesa pública de sua tese em 1750. Cabe pontuar o fato de ser este o contexto em que o religioso manifestou junto a Roma, por três vezes, o desejo de tornar-se um missionário na América hispânica. Recomendado a renunciar a tal aspiração e, após concluir o longo processo de formação acadêmica, foi imposta ao padre Fáy, um ano depois – conforme as leis de obediência do Instituto –, a tarefa de assumir novamente seus encargos junto ao Colégio de Cassóvia. Nesse momento, além de ensinar as línguas hebraica e caldaica, sobre as quais “nada tinha anteriormente estudado a não ser as primeiras noções”, Fáy era responsável por “assistir aos exercícios aristotélicos e teológicos e neles intervir com frequentes argumentações na legião de Vetes (uma legião de infantaria entre os húngaros), na qualidade de missionário estacionário castrense fixo” (Kayling e Eckart, 1944 [1767], p. 207-208).

O inesperado chamado às Índias ocorreu no ano de 1752. A necessidade de embarcarem para a Vice-Província jesuítica do Maranhão e Grão-Pará por meio de Portugal fez com que o padre David Fáy e seu companheiro, padre José Kayling, se dirigissem por terra à cidade de Gênova, para, posteriormente, alcançarem, pela via marítima, o porto de Lisboa. Nesta cidade, permaneceram no Colégio de Santo Antão durante um período de sete meses.

Ainda que estritamente apoiada no *Elogio* elaborado por seus companheiros de batina – nitidamente marcado por um tom laudatório – a breve reconstrução da trajetória do padre David Fáy durante os anos precedentes ao início de suas atividades como missionário e professor no Maranhão revela o estreito envolvimento do inaciano com as atividades educacionais da Companhia de Jesus. Esta constatação nos permite apontar a sua inserção na *intelligentsia* jesuítica de seu período.

Sua biografia se assemelha à de alguns inacianos expulsos da América portuguesa, tais como João Daniel e Anselmo Eckart. Como eles, David Fáy escreveu durante o seu confinamento na residência de Roriz, em Portugal, “um trabalho difícilimo, para a honra da nossa Ordem, para a reconquista do bom nome de que qualquer religioso deve sobremodo cuidar e para o apagamento da mancha com que os caluniadores sujaram principalmente os jesuítas da América” (Kayling e Eckart, 1944 [1767], p. 225). No entanto, confiscada pelos soldados portugueses quando da entrada do inaciano nos cárceres de Almeida nos meses finais de 1759, tal “obra insigne” escrita em

latim, “plenamente digna do autor” e “merecedora de publicação” (Kayling e Eckart, 1944 [1767], p. 225), até hoje não foi encontrada. Na ausência deste documento, nos atemos às correspondências do padre Fáy, enviadas aos seus familiares residentes na Hungria.

Recentemente, ao combater as tendências do ceticismo pós-moderno que reduzem a historiografia à retórica, Ginzburg (2002) retomou a ideia de que a história pode ser reconstruída com base em rastros ou indícios. O autor ressalta que esse processo implica, tacitamente, uma série de conexões naturais e necessárias. Segundo o historiador italiano, fora de tais conexões, cabe ao historiador se mover no âmbito do verossímil, do provável (Ginzburg, 2002, p. 57-58). Ao adotarmos tais reflexões metodológicas como parâmetro, acreditamos trilhar um caminho consistente para estabelecer possíveis relações entre o pensamento jesuítico – aqui representado pela figura do padre Fáy – e algumas das ideias ilustradas em voga na Europa em meados do século XVIII.

Em 1753, ainda em Lisboa, o padre David Fáy escreveu à sua mãe:

A província aonde nós vamos é ainda distante quase setecentas léguas; em cinquenta dias, se tivermos vento bom, provavelmente a alcançaremos [...].

Mede a província quinhentas léguas de comprimento e setenta de largura; a maior parte é todavia paganismo e selvajaria; o povo que a habita é forte e grande, não de todo preto, antes vermelho.

Últimamente uma tribu tornou-se cristã; chama-se Gamelas; os homens dessa tribu também não são pretos, e são, até, quase tão bonitos quanto os europeus. A província é muito boa, abunda em tudo, exceto em pão; mas em vez de trigo há uma espécie de raiz, chamada Mandioca [...] dizem os que a experimentaram que é boa e que, uma vez acostumada a ela, a gente dificilmente se acostuma depois ao pão. Nasce ali toda sorte de frutas, principalmente o Ananás, perto do grande rio chamado Fluvius Amazonum ou, na sua língua, Pará, isto é, mar, por causa do tamanho. A laranja é tão gostosa, que, embora das laranjas europeias sejam as daqui as melhores, são muito estimadas as laranjas de lá, e desejadas, porque são maiores e mais doces que as portuguesas. [...]

Relataria mais amplamente à senhora minha doce mãe o que ouvi contar sobre a nossa província de além-mar, mas na verdade tenho pouca vontade de escrever coisas que não si [vi], pois já fui várias vezes desiludido [...] (Fáy, 1944 [1753], p. 253).

O teor naturalista do trecho acima, caracterizado por uma exposição sistemática e detalhista – ausente de

referências religiosas – das peculiaridades físicas da Colônia, nos permite vislumbrar a ação exercida por algumas ideias ilustradas sobre o pensamento do jesuíta. Além disso, o acentuado dualismo entre civilização e barbárie reforça a inserção de seus escritos no clima de opinião do Século das Luzes. Por fim, a valorização dos relatos com base na experiência *in loco*⁸ e o frequente recurso às comparações com a Europa indicam, talvez, uma reação – ainda que não explícita – às teses publicadas no Velho Mundo sobre o continente americano. Nesse sentido, ao analisarmos a maneira como o padre David Fáy dialoga com tais tendências ilustradas – abordando temáticas semelhantes e se posicionando sobre o que estava sendo escrito em meados do século XVIII –, vejamos a maneira como a fauna, a flora e os indígenas da Amazônia são retratados em outros trechos de suas missivas.

Ainda recém-chegado ao Brasil, Fáy escreveu à sua mãe:

A forma deste último [javali] é como em nosso país, porém é menor, tem o umbigo nas costas, e uma carne bem branca, diferente, mas mui saborosa.

Bem diverso animal é o de nome Paca; eu ainda não a vi, mas dizem-na coisa principesca. Há também outros animais, como p. ex. a Anta, semelhante ao cavalo, com a cabeça muito parecida à deste; tem crina, mas muito pequena, como se fôsse cortada artificialmente, unha bifurcada, pêlo castanho; vi uma delas, não viva [...]. Onças há tantas que nem a metade seria precisa, e por isso é medonho passear pela floresta [...].

Há outros animais belos, porém menores, mui semelhantes à onça, mas não fazem mal nenhum e fogem da gente. Pássaros, encontram-se de todas as espécies, não cantadores, mas de aspecto tão belo que é prazer vê-los; [papa]gaio de tôdas as cores, que repetem tudo o que ouvem; o que há de estranho é que nem lhes talham a língua: é como madeira, e no entanto aprendem tudo. Outro pássaro que particularmente me agrada chama-se Guará; é vermelho como veludo [...]; a carne tem o sabor do pato selvagem. Há muitas espécies divertidíssimas que lembram, no aspecto ou no sabor, as galinhas. Aves de espécies europeias, ainda não vi, a não ser a coruja [...] (Fáy, 1944 [1753], p. 264-265).

Além de se mostrar influenciado por algumas das proposições caras ao pensamento ilustrado europeu, destacadas no parágrafo acima, o fragmento citado

apresenta alguns elementos – rastros, sinais, indícios (Ginzburg, 2007) – que nos permitem conjecturar que o inaciano tenha incorporado em seus escritos algumas ideias presentes nas conhecidas teses de Georges-Louis Leclerc de Buffon (1824 [1749-1789]). O fato de os três primeiros volumes da famosa *Histoire naturelle, générale et particulière* terem sido publicados no ano de 1749 torna plausível o contato de Fáy com as debatidas e comentadas obras do naturalista francês. Considerado uma das principais fontes da polêmica do Novo Mundo (Gerbi, 1996), Buffon desempenhou um papel destacado na construção da imagem de inferioridade da natureza americana, associada a um condicionamento geográfico e climático que teria supostamente limitado a plena evolução da fauna e da flora do continente (Pinto, 2005, p. 4). Nesse sentido, é possível encontrar ecos de tal concepção nos escritos de Fáy, primeiro, porque o inaciano assimilava a teoria sobre a possível afonia da avifauna brasileira⁹ – ainda que seletivamente, pois a capacidade de os papagaios repetirem tudo que ouvem é enfatizada – e, segundo, porque se mostra fortemente preocupado em relatar o tamanho dos animais da América portuguesa. Aponta-os, geralmente, como menores, se comparados aos do Velho Mundo. Por fim, é interessante notar o fato de os javalis do Maranhão serem descritos como tendo o umbigo nas costas, recurso utilizado, poucos anos mais tarde, por Voltaire – por influência das obras de Buffon – para inverter as qualidades dos animais do Novo Mundo (Gerbi, 1996, p. 51).

Ainda em outros trechos de suas missivas, David Fáy nos dá a impressão de querer reforçar as concepções derogatórias sobre o continente americano, quando diz, por exemplo, que “[...] aqui há poucos peixes, e não são muito bons”, ou quando menciona que os limões da terra não prestam e que há falta absoluta de hortaliças (Fáy, 1944 [1753], p. 265).

Ao se mostrar influenciado por alguns argumentos que serviam de base para as teses sobre a inferioridade do Novo Mundo, em voga na Europa em meados do século XVIII, Fáy, mesmo apresentando uma postura mais branda, se comparada, por exemplo, à de Buffon, se afastava do posicionamento dos antigos naturalistas – “que resumiam sua missão em cantar loas às magnificências do criado” (Gerbi, 1996, p. 40) –, assumindo uma certa liberdade de crítica à obra divina, que parecia não ser mais plenamente perfeita.

No entanto, longe de apresentar um contorno nítido, a leitura das correspondências do padre Fáy revela, em

⁸ Outro trecho que exemplifica a adoção de tal postura pelo inaciano é o em que ele justifica à sua mãe os motivos da brevidade das informações contidas em sua carta. Segundo o padre Fáy: “Assim chegamos a esta província da quem-mar, almejada a muito, a respeito da qual não duvido que a senhora minha doce mãe queira ouvir algo; por isso descrevo o que vi em dois meses; poderia escrever mais, se tivesse penetrado mais dentro do país, mas até aqui minha morada foi perto do mar” (Fáy, 1944 [1753], p. 262).

⁹ Buffon é apontado como um dos grandes responsáveis pela difusão da ideia de que os pássaros da América não eram canoros (Gerbi, 1996, p. 135).

outros momentos, a preocupação do inaciano em relatar as singularidades e as riquezas naturais da Amazônia portuguesa. Assim, segundo o jesuíta,

Frutas, há bastantes. A mim, sobretudo me agrada o Ananás, de que há grande quantidade. Já vi um deles em Nagyszombat, mas nem de longe era como estes, que atingem o tamanho de um melão médio. Fazem com ele um licor que é bebida principesca. [...] saboreio todos os dias a fruta chamada Pacova, porque dura o ano todo; a árvore é como o milho, porém maior, com folhas muito compridas e quase da largura de dois palmos; o sabugo é como um cacho, pende para todos os lados; tem a forma daqueles cornozinhos feitos pelos padeiros; pevide não tem; tirando-lhe a folha, a polpa é tenra, come-se toda e tem gosto de morango. Algodão, cravo, café, mel de cana, cacau, baunilha, chocolate, pimenta e outras coisas assim, há bastante (Fáy, 1944 [1753], p. 265).

Em outro fragmento de suas cartas, o tom de exaltação da natureza americana é acentuado.

As florestas que eu vi são muito belas. São constituídas sobretudo de palmeiras, mas há também grande número de outras árvores. Geralmente as árvores aqui são magníficas, vermelhas, azues, amarelas, pretas. Um homem honesto me presenteou com uma vara de pau, de cor verdeenga: esfregada com pano, fica brilhante qual vidro; para construção acham-se muitas madeiras, cada qual mais bela, todas de lavra difícil por causa da dureza; pela mesma razão, ardem difficilmenttae, e não há peço de que as casas de madeira se queimem com facilidade, a menos que se fizesse um grande fogo ao pé delas. A melhor madeira para o trabalho é o cedro, por ser duradouro e mole. Há uma árvore de nome Kisi (leia-se: quixi), cujo fruto é sabão. Ha outra árvore bem grande que dá um fruto de que se fazem chicharas, copos, pratos e outros vasos da mesma espécie [...]. [...] Por enquanto, estou designado para ir à aldeia de Maraen, a que chamam aqui paraíso terrestre [...]. A dita aldeia chama-se paraíso terrestre porque, tendo um chão bom e fértil em tudo, possui campos e florestas excelentes. Existe ali, particularmente, um lago bem grande [...] (Fáy, 1944 [1753], p. 269-270).

Mesmo com a ênfase, em determinados trechos de suas correspondências, a alguns aspectos da natureza americana que sustentavam os argumentos pejorativos das teses derogatórias do Novo Mundo, ao abordar temáticas semelhantes às escritas e debatidas na Europa em meados do século XVIII, Fáy não deixa de tecer elogios ao novo

continente, quando destaca as singularidades dos animais e da flora do Novo Mundo.

Vejamos agora a maneira como os índios Barbados são retratados pelo missionário, em carta endereçada ao seu irmão, poucos dias após ter remetido a primeira carta da Colônia à sua mãe. Segundo o inaciano,

Saíram eles da floresta há uns vinte anos, mas continuam terríveis, e não podem despir a selvajaria, principalmente as mulheres; estas, quando dão à luz, imediatamente examinam a sua prole e, achando-a feia, matam-na ato contínuo; por isso o missionário deve cuidar de estar presente, seja para evitar a morte dos recém-nascidos, seja para impedir que morram sem batismo.

Os homens, como as mulheres, perfuram as orelhas, de modo que se pode olhar através delas, alargam o furo, e enfiam nêles grandes coroas de folha de palmeira, milho, ou de outra planta, ou ainda coroas de ervas para servirem de brincos. [...] Acostumam-se dificilmente ao vestuário; os homens o toleram um pouco, as mulheres de nenhum modo; afinal, depois de muitas admoestações e muita persuasão, quando saem da choupana ou quando vai visitá-los, cobrem-se de algumas folhas e com isso o vestido de gala está pronto. [...]

Os índios não são pretos, nem amarelos, mas variam entre o preto e o amarelo, e são bem feios. Da igreja ainda não gostam muito, e quando, num dia da semana, um deles vem assistir à missa ou a outro serviço divino, logo depois vai procurar o missionário, dizendo: “- Pai, paga-me por ter eu vindo à igreja.” Sem serem pagos, não dão sequer um passo” [...] às vezes, porém até essas bagatelas nos faltam; que há-de fazer, em tal caso, o pobre missionário? [...] (Fáy, 1944 [1753], p. 267-268).

Conforme bem destacado por Michel de Certeau (2007, p. 178), “através das maneiras antitéticas mas homólogas da dominação ou da sedução, a racionalidade das Luzes mantém com seu outro uma relação necessária”. Assim, provavelmente influenciado pela visão de superioridade do “homem europeu civilizado”, tão cara ao pensamento ilustrado, Fáy opta por retratar os nativos como portadores de sinais – como, por exemplo, a feiura e a cor da pele – e costumes que identifiquem a sua selvageria. O pessimismo do inaciano, expresso pela forte resistência indígena à adoção de práticas e valores europeus introduzidos pelos religiosos, reforça o nosso argumento associado à influência exercida pela filosofia da Luzes sobre o pensamento do jesuíta. A inversão da visão paradisíaca da América neste contexto, que resultou na formulação de um novo discurso sobre o homem e a

natureza, marcado pela negatividade, tornava as missões jesuíticas no Novo Mundo – inclusive para alguns conhecidos representantes da Ilustração europeia, tais como Voltaire e Raynal – verdadeiras “ilhas de civilização” em meio à barbárie (Domingues, 2007, p. 109). No entanto, ainda que influenciado por tais tendências ilustradas, a condição de missionário levava o padre Fáy, em outros momentos, a tecer elogios aos nativos, provavelmente por apostar – diferentemente de Montesquieu, por exemplo, – na possibilidade de progresso das sociedades dos trópicos. Exemplos disso podem ser vistos quando o padre inaciano flexibiliza a sua postura em relação aos indígenas, dizendo que os Gamelas “não seria[m], aliás, um povo feio” (Fáy, 1944 [1753], p. 270), ou quando menciona que “recentemente foram encontrados dois povos, de natureza muito bela e boa” (Fáy, 1944 [1753], p. 271).

Assim, o teor dos relatos transcritos e analisados torna possível que apontemos a existência de continuidades e descontinuidades entre o pensamento do missionário e algumas tendências manifestas nos escritos de viajantes, filósofos e naturalistas de meados do século XVIII. Além disso, embora a ênfase de nossa análise tenha sido sobre as imagens da natureza e dos nativos da Amazônia, quando descritos e retratados pelo jesuíta, é ainda possível perceber, em suas correspondências – respeitadas as devidas proporções –, a preocupação em lançar luzes, à maneira dos enciclopedistas, sobre variadas temáticas ligadas ao Novo Mundo, tais como política, economia, técnicas, artes, entre outras.

Se, por um lado, o padre Fáy demonstra realizar, em suas missivas, uma abordagem bastante próxima daquelas escritas e debatidas por seus contemporâneos europeus – valendo-se, inclusive, de critérios científicos semelhantes –, por outro, fica evidente, em determinados trechos de suas correspondências, a opção por retratar a exuberância da natureza americana, relativizando o pessimismo em relação ao Novo Mundo, vigente na Europa Ilustrada.

Considerações finais

Bastante singelas, se comparadas às grandes obras jesuíticas escritas no mesmo período – como, por exemplo, o *Tesouro* do padre João Daniel (2004) ou a *História da Companhia de Jesus* do padre José de Moraes (1987) –, as correspondências do padre David Fáy têm sua importância, dentre outros motivos, por apresentarem fortes indícios de penetração de alguns aspectos do pensamento ilustrado no seio da Ordem em meados do século XVIII,

fato já detectado nos escritos de João Daniel (Domingues, 2007)¹⁰. Revelando-se um homem afinado com as ideias de seu tempo, o missionário húngaro, ainda que influenciado pelas teses derogatórias do Novo Mundo, faz emergir de seus relatos – consciente ou inconscientemente – uma imagem que relativiza a suposta inferioridade da natureza e dos habitantes dos trópicos. Vale-se, para isso, de noções-chave ligadas às proposições filosóficas e científicas do Setecentos.

Ainda é importante, em vista dos objetivos deste estudo, que seja mencionado um exemplo que aponta o legado da tradição medieval e barroca sobre a visão de mundo do religioso, em direção à tese de que a influência de aspectos do pensamento ilustrado em Fáy e em outros jesuítas não descarta a tradição tomista, pelo contrário, complementa-a. Isso pode ser observado no relato referente aos alvos de ataque das onças do Novo Mundo, que expressa uma hierarquização da sociedade colonial elaborada pelo inaciano a partir da filosofia neotomista. Segundo o missionário, “é verdade que, se a gente leva um cão, a onça pula neste último e deixa passar o homem; quando um europeu vai com um homem daqui ela pula em cima dêste e deixa aquele ir-se embora em paz; quando um homem daqui passa com um sarraceno, ela mata o sarraceno” (Fáy, 1944 [1753], p. 264).

A conciliação entre a tradição escolástica e os elementos da filosofia ilustrada presente nos escritos do padre David Fáy ameniza generalizações preconceituosas sobre o atraso jesuítico e seu alheamento às novas ideias em voga na Europa em meados do século XVIII. Ao contrário da tendência que aponta ter sido a Companhia de Jesus o principal obstáculo à implantação das Luzes no Império, pode-se dizer que, ao mesclarem uma visão religiosa de mundo com ideais seletos da Ilustração, os inacianos estavam, a seu modo, forjando suas interpretações sobre a singularidade brasileira em sintonia com ideias e teses sobre o Novo Mundo em voga na Europa.

Referências

- BUFFON, G.-L.L. 1824 [1749-1789]. *Histoire Naturelle de l'homme*. In: *Oeuvres Choisies*. Paris, Daguin, vol. 3.
- CERTEAU, M. de. 2007. *A escrita da história*. 2ª ed., Rio de Janeiro, Forense Universitária, 345 p.
- DANIEL, J. 2004. *Tesouro descoberto no máximo rio Amazonas*. Rio de Janeiro, Contraponto, 2 vols., 1240 p.
- DOMINGUES, B.H. 2002. A Disputa entre “Cientistas Jesuítas” e “Cientistas Iluministas” no Mundo Ibero-Americano. *Numen: Revista de Estudos e Pesquisa da Religião*, 5(2):129-154.

¹⁰ Quanto à História da Companhia de Jesus na Extinta Província do Maranhão e Pará, do padre José de Moraes, ainda não temos conhecimento de estudos que relacionem esta avaliação da atuação jesuítica no Amazonas com a Ilustração europeia.

- DOMINGUES, B.H. 2007. *Tão longe, tão perto: a Ibero-América e a Europa Ilustrada*. Rio de Janeiro, Museu da República, 260 p.
- FÁY, D.A. 1944 [1753]. Cartas do Jesuíta David Aluísio Fáy. *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*, **64**:251-273.
- GERBI, A. 1996. *O Novo Mundo: história de uma polêmica (1750-1900)*. São Paulo, Companhia das Letras, 808 p.
- GINZBURG, C. 2002. *Relações de força: história, retórica, prova*. São Paulo, Companhia das Letras, 192 p.
- GINZBURG, C. 2007. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo, Companhia das Letras, 456 p.
- GÓNGORA, M. 1975. *Studies in the colonial history of Spanish America*. Cambridge, Cambridge University Press, 293 p.
- KAYLING, J.; ECKART, A. 1944 [1767]. Elogio póstumo do P. David Aluísio Fáy, da Companhia de Jesus, falecido em 12 de janeiro de 1767 no cárcere do Forte de São Julião, à Foz do Tejo (com acréscimo de vários epitáfios). *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*, **64**:198-244.
- MAXWELL, K. 1996. *Marquês de Pombal: paradoxo do Iluminismo*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 201 p.
- MORAES, J. de. 1987 [1759]. *História da Companhia de Jesus na extinta província do Maranhão e Pará*. Rio de Janeiro, Editorial Alhambra, 386 p.
- MORSE, R. 1982. *O espelho de próspero: cultura e ideias nas Américas*. São Paulo, Companhia das Letras, 190 p.
- O'MALLEY, J.W. 2004. *Os primeiros Jesuítas*. São Leopoldo, Editora Unisinos, 582 p.
- PINTO, R.F. 2005. A viagem das ideias. *Estudos Avançados*, **19**(53):97-114.
- RÓNAI, P. 1944. As cartas do P. David Fáy e a sua Biografia: contribuição para a História das Missões Jesuíticas no Brasil no século XVIII. *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*, **64**:192-197.
- SCHMITZ, E. 1994. *Os jesuítas e a educação: a filosofia Educacional da Companhia de Jesus*. São Leopoldo, Editora Unisinos, 254 p.
- Submetido em: 20/08/2009
Aceito em: 08/09/2009

Beatriz Helena Domingues
Departamento de História - UFJF
Instituto de Ciências Humanas
Campus s/n, Martelos
36036-030, Juiz de Fora, MG, Brasil

Breno Machado dos Santos
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião - UFJF
Instituto de Ciências Humanas
Campus s/n, Martelos
36036-030, Juiz de Fora, MG, Brasil